



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FERNANDA ALVES SUARES

**GÊNERO NOTÍCIA NO CONTEXTO SOCIAL:
UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS**

CAJAZEIRAS – PB

2017

FERNANDA ALVES SUARES

**GÊNERO NOTÍCIA NO CONTEXTO SOCIAL:
UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS**

**Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade
Acadêmica de Letras do Centro de Formação
de Professores da Universidade Federal de
Campina Grande.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hérica Pereira Paiva

CAJAZEIRAS – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

S939g Suares, Fernanda Alves.

Gênero notícia no contexto social: uma prática de multiletramentos /
Fernanda Alves Suares. - Cajazeiras, 2017.

49f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2017.

1. Linguística Textual. 2. Gêneros textuais. 3. Notícia - gênero textual.

**GÊNERO NOTÍCIA NO CONTEXTO SOCIAL: UMA PRÁTICA DE
MULTILETRAMENTOS**

**Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande.**

provado em 12 / 09 / 2017

BANCA EXAMINADORA:

Hérica Paiva Pereira

**Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Abdoral Inácio da Silva

**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Jorgevaldo de Souza Silva

**Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Dedico à minha família por me proporcionar momentos felizes que jamais serão esquecidos.

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre dos mestres, Autor da vida e Orientador por excelência, que nos momentos de desequilíbrio emocional e intelectual compartilhou comigo a sua presença, enchendo-me de paz e tranquilidade. Obrigado DEUS!

Aos meus familiares, fundamento que me sustenta, fazendo-me sentir em todos os momentos, intensa segurança.

Aos meus irmãos em Cristo, pelas incessantes orações, pois ao mencionarem o meu nome, pude sentir Deus cuidando do meu coração.

A minha orientadora Prof.^a Dr.^a Hérica Pereira Paiva, a quem tenho extrema admiração, obrigado pela disponibilidade, pela paciência comigo e o compromisso demonstrado durante todo o processo de construção desse trabalho. Muito grata!

Aos meus professores, que ao longo dessa jornada me instruíram, seus ensinamentos me ajudaram a conquistar novos horizontes e ver o mundo de uma forma mais diferente.

Aos colegas e amigos que conquistei durante a minha vida acadêmica, em especial a Janicleide França, Jaqueline Alexandre, Solange Lourenço, Eliane Cavalcante e Francidalva Domingos, com quem tive o prazer de compartilhar mais intimamente de momentos inesquecíveis que ficarão sempre guardados em minha mente. Amo vocês!

Enfim, a todos que de maneira direta e indireta fizeram parte desse sonho comigo, que acaba por se tornar realidade.

OBRIGADA!

“Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”.

(Filipenses 2.13)

RESUMO

O presente trabalho destaca a contribuição que a Linguística Textual vem desenvolvendo nos últimos anos, trazendo o texto como ferramenta indispensável a ser trabalhado em sala de aula, desconstruindo, assim, a visão estruturalista que estava atrelada a um ensino voltado para o estudo da palavra e frase, de forma descontextualizada. Além disso, destacamos a importância dos gêneros textuais nesse processo de ensino da Língua Portuguesa, por contribuir na construção de um ensino significativo para o aluno, ao situá-lo nos vários contextos sociais, em que ele se encontra. Como é perceptível, a linguagem dos novos gêneros, tornam-se cada vez mais maleáveis, entre eles estão os gêneros digitais tais como: blog, e-mail, chat, dentre outros. Nessa perspectiva destacaremos o gênero notícia e sua participação na prática dos multiletramentos. Por este viés, o presente trabalho tem como objetivo geral, destacar a relevância das práticas de letramento e multiletramentos nas atividades de leitura e produção textual, especificamente por meio do gênero notícia. Como objetivos específicos: apresentar as contribuições que a Linguística Textual trouxe para o trabalho com o texto; enfatizar a importância do gênero textual como ferramenta indispensável na construção do texto e compreender a importância do trabalho com o texto, no ensino aprendizagem, no que diz respeito à leitura e à escrita na perspectiva dos multiletramentos. Para tanto, nos fundamentamos, principalmente, nos trabalhos desenvolvidos por Marcuschi (2002, 2005, 2008) Koch (1997), Costa Val (1999), Antunes (2010), Rojo (2012, 2015); Soares (1999, 2002, 2009) e Kleiman (1995), os quais deram uma enorme contribuição para os estudos da Língua Portuguesa. Já a metodologia está pautada em uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativa, nos quais foram utilizados como instrumento de pesquisa: livros; artigos acadêmicos, revistas e sites acadêmicos da web, com a intenção de aprofundar o processo de uso dos multiletramentos por meio do gênero notícia e sua aplicabilidade no ensino médio. Para isso, apresentamos uma proposta pedagógica, a ser apresentada a professores do 1º ano, no intuito de contribuir na sua prática pedagógica em sala de aula, no que se refere à leitura e escrita.

Palavras-chave: Linguística Textual. Gêneros Textuais. Letramento. Multiletramentos.

ABSTRACT

This present monograph emphasise the massive contribution that Textual Linguistic has been developed in the recent years, bringing to text as an indispensable resource to be developed in the classroom, therefore deconstructing the structuralist view which was linked to a decontextualized teaching focused on the study of word and phrase. In addition, we underscored the importance of textual genres in this process of teaching the Portuguese language to contributing to the construction of a meaningful teaching for the student to place him in various social contexts, in which he finds himself. As it is perceptible, the language of the new genres become increasingly malleable, among them are the digital genres, such as: blog, email, chat, among others. In and it is within this perspective that we will highlight the genre News and its participation in the practice of multiliteracies. By this biases, the present monograph as a general objective, to highlight the relevance of literacy and multilearning practices in reading and textual production activities, specifically through the news genre and as specific objectives: to show the contributions that Textual Linguistics brought to working with texts; to emphasize the importance of textual genres as indispensable tool in the construction of the text and aims to comprehend the relevance of working with text , in teaching-learning, with regard to reading and writing from the perspective of multiliteracies. Therefore, we base, meaning, in the works developed by Marcuschi (2002, 2005, 2008) Koch (1997), Costa Val (1999), Antunes (2010), Rojo (2012, 2015); Soares (1999, 2002, 2009) e Kleiman (1995), who made an enormous contribution to the studies of Portuguese language . Regarding the methodology is based on a bibliographic research, qualitative nature, in which they were used as a research instrument : books; academic articles ,magazines and academic websites with an intention to deepen the process of using multiliteracies, through the genre not known and its applicability in high school. For this puporse, we present a pedagogical proposal, to be presented to teachers of the 1st grade, high school , in order to contribute to their pedagogical practice in the classroom, regarding to reading and writing.

Keywords: Textual Linguistics. Textual genres. Literacy. Multiliteracies

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|------------|--|----|
| Figura 1 - | Mapa dos Multiletramentos..... | 35 |
| Figura 2 - | Página da Revista Capricho..... | 37 |
| Figura 3 - | Tela da matéria do Globo Repórter – Sobre Moçambique..... | 37 |
| Figura 4 - | Texto: Capa do jornal Hoje em Dia..... | 40 |
| Figura 5 - | Notícia..... | 42 |
| Figura 6 - | Tragédia na BR..... | 43 |
| Quadro 1 - | Definições de tipos e gêneros textuais..... | 23 |
| Quadro 2 - | Gêneros Previstos para a Prática de Compreensão de Textos..... | 26 |
| Quadro 3 - | Gêneros Previstos para a Prática de Produção de Textos..... | 26 |
| Quadro 4 - | Estrutura e Definição da notícia..... | 41 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 A CONTRIBUIÇÃO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL NO ENSINO APRENDIZAGEM..... | 15 |
| 1.1 TEXTO: UM INSTRUMENTO NECESSÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM..... | 19 |
| 1.2 GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE NO MEIO SOCIAL NA PERSPECTIVA DE MARCUSCHI..... | 21 21 |
| 1.2.1 Gêneros textuais orais e escritos..... | 25 |
| 1.2.2 Gênero Notícia e sua aplicabilidade no contexto social..... | 28 |
| 2 LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS NA PRÁTICA DOCENTE..... | 32 |
| 2.1 LETRAMENTO: UMA PRÁTICA SOCIAL NO CONTEXTO ESCOLAR | 33 |
| 2.2 OS MULTILETRAMENTOS: UMA PRÁTICA INOVADORA | 36 |
| 3 UMA PROPOSTA METODOLÓGICA COM O GÊNERO NOTÍCIA A SER TRABALHADA COM ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO | 40 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| REFERÊNCIAS | 48 |

INTRODUÇÃO

Com o surgimento da Linguística Textual o ensino aprendizagem tomou novos rumos, ultrapassando os limites da palavra e frases, trabalhadas de forma descontextualizada e sem significação para o aluno. Nessa conjuntura nos deparamos com o texto, como ferramenta essencial para o desenvolvimento da linguagem, pois é ele quem cumpre a função sociocomunicativa entre os falantes de uma língua.

Para Antunes (2010, p. 30), mesmo que o texto esteja fora dos padrões, considerados cultos, eruditos ou edificantes, ele é um texto e, portanto, o meio pelo qual nós nos comunicamos. No entanto, não podemos falar de texto sem considerarmos o papel essencial que os gêneros textuais têm para ele, pois não existe texto sem os gêneros, já que são eles os responsáveis em alcançar a sua intenção comunicativa, nas mais diferentes situações de interação em que nos deparamos na nossa vida social.

Na concepção de Marcuschi (2005, p. 22), os gêneros textuais “são fenômenos relativamente plásticos, com entidade social e organizacional bastante grande e são parte constitutiva da sociedade” e, portanto, são práticas sócio-históricas, pois estão estreitamente ligadas à vida cultural e social do indivíduo. Sendo assim, não podemos conceber, hoje, um estudo desvinculado do texto, seja ele verbal ou não verbal.

Nesse contexto, o objetivo geral é compreender a importância do trabalho com o texto, no ensino aprendizagem, no que diz respeito à leitura e à escrita na perspectiva dos multiletramentos. Para isso, temos como objetivos específicos: apresentar as contribuições que a Linguística Textual trouxe para o trabalho com o texto; enfatizar a importância do gênero textual como ferramenta indispensável na construção do texto e destacar a relevância das práticas de letramento e multiletramentos nas atividades de leitura e produção textual, especificamente por meio do gênero notícia.

Vale ressaltar que a escolha desta temática se deu a partir das aulas de Estágio Supervisionado III e IV, em que tivemos a oportunidade de discutirmos com os alunos, em sala de aula, sobre as dificuldades que eles têm ao desenvolver atividades voltadas para o estudo e funções dos gêneros textuais na construção de textos.

Os aportes teóricos, que embasaram este trabalho, estão fundamentados, principalmente, nos estudos desenvolvidos por Marcuschi (2002, 2005, 2008), Koch (1997), Costa Val (1999), Antunes (2010), Rojo (2012, 2015), Soares (1999, 2002, 2009) e Kleiman (1995) que trabalham as temáticas aqui apresentadas. Enquanto que, a metodologia se trata de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, nos quais utilizamos como instrumento de

pesquisa, livros; artigos, revistas e sites acadêmicos da web, a fim de compreender com maior profundidade, a importância do trabalhar o texto, através de práticas sociais que envolvem os multiletramentos, por meio do gênero notícia e sua aplicabilidade no ensino médio. Para isso, apresentamos uma proposta pedagógica, a ser apresentada a professores do 1º ano, no intuito de contribuir na sua prática pedagógica em sala de aula, no que se refere à leitura e escrita.

O trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro adentramos nos estudos relacionados à Linguística Textual, por ser uma ciência que trabalha na área de investigação e construção do texto, ressaltando que, é dentro da comunicação que a Linguística Textual tem sua participação efetiva, onde um indivíduo por ser usuário da língua, possui a capacidade de construir um texto que tenha sentido, proporcionando ao leitor ou público alvo da mensagem, o entendimento do que foi dito. Ainda nesse capítulo, apresentamos o estudo dos Gêneros Textuais pelos quais, sem eles, seria impossível trabalhar os textos, tomando por base os estudos de Marcuschi (2002, 2008) para melhor compreendermos como ocorre o processo de desenvolvimento dos gêneros textuais no meio social.

No segundo capítulo, abordamos a temática do Letramento e Multiletramentos. No que diz respeito ao Letramento, mostramos que é o um termo que vem ocupando cada vez mais o seu espaço na área da educação. Esta é uma nova forma de trabalharmos com nossos alunos, envolvendo os conhecimentos que os alunos adquirem na escola em sintonia com suas práticas sociais, fazendo assim que, as práticas pedagógicas, trabalhadas em sala de aula, tenham significação para o estudante, pois é algo que faz parte de sua vida.

Em relação aos multiletramentos, diante da evolução em que o mundo passa através do uso das novas tecnologias e mídias digitais, eles surgem como uma ponte para uma nova evolução na área da educação. Segundo Rojo (2012) os Multiletramentos entram em cena, levando em consideração a variedade cultural, presente na atualidade, como também as variedades de sistemas semióticos encontrados nos diferentes textos. Nesse contexto, o estudo dos multiletramentos visa, principalmente, a diversidade de signos verbais e imagens, que são distribuídas pelas mídias audiovisuais, e que requerem, por parte dos nossos alunos, a compreensão, para que ambos os textos tenham significação.

No terceiro e último capítulo, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica, que traz como tema: O gênero notícia no ensino médio: aplicabilidades, que será ministrada à turma do 1º ano. Como podemos constatar, o foco é o trabalho com o gênero textual “notícia” e sua contribuição no ensino aprendizagem, no que se refere às atividades de leitura e escrita, por se tratar de um gênero que está em plena circulação no nosso dia-a-dia, e portanto, muito

conhecido por nossos alunos. A intenção é que essa atividade possa contribuir na ampliação dos conhecimentos de nosso alunado, nesta área, envolvendo as práticas de multiletramentos.

1 A CONTRIBUIÇÃO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL NO ENSINO APRENDIZAGEM

A Linguística Textual, como ciência da estrutura e do funcionamento dos textos, começou a desenvolver-se na década de 60 na Europa, especialmente na Alemanha, todavia ela ganhou projeção a partir dos anos 70. A origem do termo aqui apresentado, foi utilizado pela primeira vez pelo pesquisador Cosério (1955), em um artigo que ele escreva em língua espanhola, denominado *Determinación y entorno. De los problemas de una lingüística del hablar*. Embora, o sentido que atualmente hoje possui, tenha sido empregado por Weinrich (1966, 1967). A partir de então, a Linguística Textual vem se desenvolvendo no decorrer dos anos, tendo passado por várias fases de transformação, como também foi inspiração para o estudo de diversos teóricos.

Nessa perspectiva, entendemos que o surgimento da Linguística Textual teve como objetivo, ultrapassar os limites tanto da palavra como da frase, ou seja, o que de fato a Linguística Textual vem a tratar, não está mais relacionada ao estudo da palavra ou da frase, ela vai mais além, adentrando no estudo do texto, uma vez que o texto pode ser considerado uma ferramenta poderosíssima, que atua nas mais diversas formas de manifestação da linguagem, contribuindo também para que aconteça o que denominamos de interação, ou seja, para que haja o desenvolvimento de um texto é necessário que este se desenvolva dentro de um determinado contexto e que sejam consideradas as suas condições de uso.

Em seus estudos, Conte (1977 *apud* KOCH, 1997, p. 68-70), apresenta três momentos que foram de suma importância na passagem da teoria da frase à teoria do texto: o da análise transfrástica, o das gramáticas textuais e o da teoria ou linguística do texto. Salientava a autora, não se tratar de uma distinção de ordem cronológica e sim tipológica, embora em linhas gerais, ela aceite a postulação desses três momentos e defende que existe sim, uma cronologia envolvendo essa sucessão.

Para Koch (1997) no primeiro momento ocorre a necessidade de transpor os limites da frase, como também encontrar regras para o encadeamento da mesma, a partir dos métodos até então utilizados na análise sentencial, no intuito de ampliá-los para dar conta de pares ou sequências maiores de frases. Daí passou-se a observar no nível transfrástico questões relativas, tais como: à correferência, à conexão entre orações, entre outros. Esse primeiro momento não teve muito êxito, pois a tentativa de desenvolver uma Linguística Textual como uma linguística da frase ampliada, mostraram-se contudo, insatisfatória, e acabaram por ser esquecido.

O segundo momento foi o das gramáticas textuais, cujo objetivo era a reflexão a respeito dos fenômenos não explicáveis por meio da gramática frasal, fenômenos tais como a correferência, pronominalização, a seleção dos artigos, a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a entonação, as relações entre sentenças não ligadas por conjunção, a concordância dos tempos verbais, etc. Enfim, ocorre uma interrupção entre frase e texto por haver entre ambos uma diferença não de ordem quantitativa, mais qualitativa.

O método ascendente - da frase ao texto, segundo (HARTMANN, 1968 *apud* KOCH, 1997), também foi abandonado, pois é a partir da unidade mais altamente hierarquizada, ou seja, é a partir do texto que se pretende chegar por meio da segmentação, às unidades menores, para então classificá-las. No entanto, essa divisão por segmentos e a classificação só poderão ser realizadas desde que os elementos individuais, existentes no texto, não perca sua função textual, pois como bem destacou a autora, o texto não pode ser definido simplesmente como uma sequência de cadeia significativas, pois o mesmo passou a ser considerado o signo linguístico primário, atribuindo-se aos seus componentes o estatuto de signos parciais.

Adentrando na fase da Teoria do texto ou Linguística Textual, ainda na perspectiva de Koch (1997), percebemos que essa fase tem como missão, a investigação, a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos, passando dessa forma a serem estudados dentro de seu conceito pragmático, ou seja, na área de investigação se estende do texto ao contexto. De modo geral é entendido como o conjunto de condições externas ao texto, da produção, da recepção e da interpretação do mesmo.

Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um fenômeno que transmite comunicação nesse vasto universo de ações humanas e se observarmos com mais precisão, iremos compreender que essa forma de comunicação transmitida por meio da linguagem, é um tipo de atividade que tem significado para o aluno, sendo assim, devemos encará-la como uma atividade em geral e especificamente como uma atividade humana.

Marcuschi (2008) salienta que o ensino de língua deva dar-se através de textos, e isso é defendido também entre linguísticos teóricos, tais como Geraldi (1991, 2006), Ilari (1992), Bagno (1999), Possenti (2002), entre outros, e aplicados nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), como prática comum a ser utilizada na escola. No entanto, o que de fato devemos levar em consideração é o modo como isto é posto em prática, já que os textos podem ser trabalhados de várias maneiras. O autor leva-nos ao trabalho com a língua através do texto (falado ou escrito), convicto de que existe uma boa razão para se trabalhar a língua nessa perspectiva. Primeiramente porque o trabalho com o texto não tem limite superior ou inferior

para exploração de qualquer tipo de problema linguístico, desde que dentro da categoria texto, sejam estudados tanto os orais como os escritos.

Para ZAVAM E ALMEIDA (2008) quando direcionamos o nosso olhar para a forma de como é trabalhado os textos em sala de aula, é comum ouvirmos dizer que o ensino de língua portuguesa ainda é trabalhado de maneira tradicional. De fato isso se procede, pois muitas escolas ainda estão atreladas ao estudo da língua de maneira descontextualizada, tomando frases ou trechos isolados do seu contexto de produção. Deste modo, a unidade de descrição e análise linguística passa a ser a frase solta, desarticulada de um texto, de uma situação real de comunicação.

Com essa mesma linha de pensamento, Marcuschi mostra-nos, de como isso é um sério problema para o campo da linguística textual. Vejamos o que diz o autor:

Sabemos que um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas. Mas o problema não reside só nas formas de acesso ao texto e sim de sua apresentação. Quanto a essa inadequação, sabe-se que os textos escolares, sobretudo nas primeiras séries, padecem de problemas de organização linguística e informacional. Por vezes eles carecem de coesão, formando conjunto de frases soltas e, em outras, a têm em excesso causando enorme volume de repetições. [...] De resto, os textos escolares revelam ignorância e descompasso em relação à complexidade da produção oral dos alunos. (MARCUSCHI, 2008, p. 52-53)

A partir desse conceito, entendemos que a língua se realiza por uma única forma, a padrão, e variedade linguística prescrita pela Gramática Normativa. Isso é fruto das correntes linguísticas como o Estruturalismo e o Gerativismo, que visavam apenas as unidades menores que o texto, tais como o fonema, a palavra e a frase.

Na perspectiva dos estudiosos isso perdurou por décadas, até que ocorreu uma evolução no estudo da língua, de sorte que hoje este cenário está bastante mudado. Segundo ele, a linguística de texto, surgida nos meados dos anos 60 do século XX, trata hoje tanto da produção como da compreensão de textos orais e escritos e a comunicação linguística (produção discursiva em geral) não se dá mais em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por textos, e os textos são o único material linguístico observável. Isto quer dizer que há um fenômeno linguístico (de caráter enunciativo e não meramente formal) que vai além da frase e constitui uma

unidade de sentido. O texto é o resultado de uma ação linguística, cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual ele surge e funciona.

A partir do pensamento Marcuschiano, a Linguística Textual se encarrega no ensino de língua e na montagem de manuais que buscam estudar os textos. A mesma presta um serviço fundamental na elaboração de exercícios de produção e compreensão de textos. Desta feita, em linhas gerais, apresentamos as diversas vertentes que hoje são aceitas pela Linguística Textual. Segundo Marcuschi (2008, p. 75, grifo do autor) diz que:

A Linguística Textual é uma perspectiva de trabalho que observa o funcionamento da língua em uso e não *in vitro*. Trata-se de uma perspectiva orientada por dados autênticos e não pela introspecção, mas, apesar disso, sua preocupação não é descritivista.

A Linguística Textual se funda numa concepção de língua em que a preocupação maior recai nos processos (sociocognitivos) e não no produto.

A Linguística Textual não se dedica ao estudo das propriedades gerais da língua, como o faz a linguística clássica, que se dedica aos subdomínios estáveis do sistema, tais como a fonologia, a morfologia e a sintaxe, reduzindo assim, o campo de análise e descrição.

A Linguística Textual dedica-se a domínios mais flutuantes ou dinâmicos, como observava Beaugrande (1997), tais como a concatenação de enunciados, a produção de sentido, a pragmática, os processos de compreensão, as operações cognitivas, a diferença entre gêneros textuais, a inserção da linguagem em contextos, o aspecto social e o funcionamento discursivo da língua. Trata-se de uma *linguística da enunciação* em oposição a uma *linguística do enunciado* ou do *significante*.

A Linguística Textual tem como ponto central de suas preocupações atuais as relações dinâmicas entre a teoria e a prática, entre o processamento e o uso do texto.

Para o autor, não há dúvida de que a Linguística Textual situa-se nos domínios da linguística e trabalha com fatos da língua, além de observar com bastante atenção a sociedade em que essa língua se situa. Seus estudos mostram que a Linguística Textual opera com fatos mais amplos que a linguística tradicional. Todavia, quando refere-se à análise textual, devemos ter em mente que os aspectos exclusivamente linguísticos, tais como a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica, são indispensáveis para a estabilidade textual.

Dentro dessa perspectiva, entendemos que a linguagem exercida pelo ser humano e que tem sua participação dentro da Linguística Textual, é algo que lhe é peculiar e bastante natural e nós podemos observar esse fascínio nas mais diferentes áreas do nosso cotidiano, através da religião, da literatura, da poesia, da Filosofia, dentre outros, como as lendas, mitos, cantos, rituais, histórias, etc.

1.1 TEXTO: UM INSTRUMENTO NECESSÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Desejosos em entender melhor o fenômeno textual, partimos dos estudos de alguns teóricos para compreender o que caracteriza o texto, tanto os orais como os escritos, pois a comunicação entre as pessoas ocorre por meio do diálogo, que não é realizado simplesmente através de palavras ou frases isoladas, já que esse requer uma lógica para que a mensagem seja compreendida, e isso se faz através de textos.

Portanto, para termos o domínio da linguagem escrita, não é suficiente apenas falar para escrever um bom texto, é de suma importância sabermos dominar os recursos específicos que são usados dentro de um texto, tais como regras de ortografia, pontuação, concordância, tempos verbais, coesão, coerência, etc., ou seja, os fatores que contribuem para que um texto realmente seja um texto.

Segundo Costa Val (1999) podemos definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Ainda para a autora, um texto é uma unidade de linguagem em uso, que cumpre uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. Sendo assim, este apresenta uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido, pois para ser texto, o mesmo precisa ser reconhecido como um todo significativo.

Ainda para a autora, o texto se caracteriza por sua unidade formal como também material através de dois aspectos, coerência e a coesão, fatores esses importantes e fundamentais para a sua construção.

A coerência textual resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual, ou seja, para a textualidade é um fator indispensável, porque é responsável pelo sentido do texto. Ela envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que os interlocutores repartem entre si seus conhecimentos, pois o texto por si mesmo não pode ter significado, por isso é preciso haver uma compatibilidade de sentidos tanto do produtor como também do receptor.

Adentrando no conceito da coesão textual, a autora define-a como sendo uma manifestação linguística da coerência, ou seja, partimos para a maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual, sendo responsável pela unidade formal do texto, por meio de seus elementos gramaticais e lexicais. Dentre eles estão os pronomes anafóricos, os artigos, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais, as conjunções, etc. Todos esses recursos representam uma relação não só entre os

elementos no interior de uma frase, mas também entre frases e sequências de frases contidas em um texto. Enfim, coesão e coerência são fundamentais para a textualidade, portanto, “[...] uma vez presentes, esses recursos devem ser usados de acordo com regras específicas, sob pena de reduzir a aceitabilidade do texto.” (COSTA VAL, p. 10).

Antunes (2010), em seus estudos, voltados para a área da textualidade, informa que por mais que o texto esteja fora dos padrões considerados cultos, eruditos ou edificantes, tudo o que falamos ou escrevemos em situações de comunicação, sempre o fazemos por meio de textos. Vejamos o que diz a autora:

Dessa forma, todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo. Caracteriza-se, portanto, como uma atividade eminentemente funcional, no sentido de que a ele recorremos com uma finalidade, com um objetivo específico, nem que seja, simplesmente, calado. Assim, nada do que dizemos é destituído de uma intenção. O sentido do que dizemos aos outros é parte da expressão de um ou mais objetivos. Falamos com a intenção de “fazer algo”. O sucesso de nossa atuação comunicativa está, sobretudo, na identificação dessa intenção por parte do interlocutor com quem interagimos. (ANTUNES, 2010, p. 30-31).

Então fica claro que, a finalidade do texto está justamente no ato da comunicação, e que nessa interação dialógica entre os interlocutores, precisa haver sentido para facilitar a compreensão entre ambos.

Em seu trabalho relacionado à análise de textos, Antunes (2010) apresenta três aspectos basicamente importantes para o conceito de texto. Primeiramente ela lembra que quando recorremos a qualquer texto, nossa intenção é expressar algo através da comunicação. Um segundo aspecto, é o motivo pelo qual, por ser uma expressão verbal de uma atividade social de comunicação, o texto envolve sempre um parceiro, um interlocutor. E por último, o terceiro aspecto refere-se à característica do texto a partir da orientação temática, ou seja, todo texto se constrói a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central.

A autora também propõe como propriedades ou critérios da textualidade, a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade, por estarem diretamente ligadas à construção do texto, enquanto que as demais como, intencionalidade, aceitabilidade e a situacionalidade são apenas condições fundamentais para que os textos se efetivem.

Ressaltaremos de forma resumida o conceito da autora em relação aos pontos a cima apresentado, retomando apenas o básico para a nossa compreensão. Segundo Antunes (2010), a coesão se adequa aos modos e recursos gramaticais e lexicais em que há uma ligação entre vários seguimentos tais como: palavras, orações, períodos, parágrafos, etc. que se fazem

presentes em um texto, ou seja, a coesão ocasiona a continuidade do texto, que é uma das condições de sua unidade. A coerência diz respeito a um outro tipo de encadeamento, voltado agora para o sentido, ou seja, a coerência vai além dos componentes linguísticos da comunicação verbal, pois outros fatores são incluídos além dos fatores linguísticos e os mesmos estão inferidos na situação em que acontece a atuação verbal.

No que se refere a informatividade, está relacionada ao grau de imprevisibilidade que em certo contexto comunicativo o texto assume, refere-se também ao efeito interpretativo. Todo o texto de alguma forma comporta algum tipo de informatividade e o contexto é quem determina o teor mais alto ou mais baixo de informatividade.

A intertextualidade concerne à entrada de outros textos já em circulação em um texto particular, portanto, todo texto é um intertexto, no sentido de que sempre se parte de modelos, de conceitos, de crenças, de informações já veiculadas em outras interações, ou seja, devido à própria natureza do processo comunicativo, todo texto contém outros textos prévios, mesmo que não se tenham consciência disso.

Para a autora, a intencionalidade e a aceitabilidade referem-se aos interlocutores e não ao texto. Pela intencionalidade o interlocutor que fala, cuida em dizer somente aquilo que tem coerência e sentido, enquanto, pela aceitabilidade, o ouvinte simultaneamente empreende o que for necessário para processar os sentidos e as intenções expressas.

Por fazer parte de uma atividade social, para que um texto aconteça, é necessário a situacionalidade, pois como sabemos, nenhum texto ocorre no vazio ou fora de um contexto sociocultural determinado, pois num todo, o texto ancora-se numa situação concreta, ou seja, está introduzido num contexto social qualquer.

Por fim, quando voltados para análise em torno de um texto, é de suma importância ampliar nossos conhecimentos acerca desses elementos que são necessários para a construção do mesmo.

1.2 GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE NO MEIO SOCIAL NA PERSPECTIVA DE MARCUSCHI

A importância deste capítulo é para entendermos como os Gêneros Textuais ocupam um espaço abrangente na vida cultural, tecnológico e social do ser humano. Para tanto, iremos discorrer sobre as diferentes noções que explicam a pluralidade de Gêneros existentes e sua presença marcante como instrumento de ensino, especialmente na prática de produção textual.

Para uma melhor compressão do que venham a serem Gêneros Textuais, partiremos da proposta e análise do teórico Marcuschi (2002) que explica, de forma detalhada, o surgimento, definição e suas funcionalidades. Segundo o autor, numa primeira fase os povos de cultura, essencialmente oral, desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética, por volta do século VII a.C., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. É importante ressaltar que, primeiramente os fenícios inventaram um sistema limitado de caracteres, que representavam apenas o som consonantal, em seguida os gregos adaptaram o sistema de escrita fenícia, agregando as vogais, surgindo assim à escrita alfabética e posteriormente a escrita grega foi adaptada pelos romanos, constituindo-se o sistema alfabético greco-romano, dando origem assim ao nosso alfabeto.

A partir do século XV os gêneros se expandem com a evolução da cultura impressa, e na fase da industrialização, no século XVIII dá-se início a uma grande ampliação.

Hoje, na fase denominada cultura eletrônica, presenciamos uma variedade de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita, como por exemplo: o telefone, o rádio, o gravador, a TV, e especialmente o computador e sua aplicação mais relevante, a internet.

Observamos então o porquê da existência de tantos gêneros textuais. Estes estão presentes desde a Antiguidade, e como no decorrer dos anos eles se ampliaram em todos os âmbitos, tomando novas formas, distribuindo-se tanto na vida cultural, como na vida social, ocupando o seu espaço no meio tecnológico, o que é bastante notável pelo fato de ter uma participação marcante na vida das pessoas de todas as faixas etárias. Para confirmar esta concepção, Marcuschi (2002, p. 19) diz que:

Os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Hoje contamos com uma diversidade infinita de gêneros. (...) os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Por fim, compreendemos que por meio de interações, temos a intenção de nos comunicar, e aqui se justifica a existência do gênero textual que nos introduz no meio social, como sujeitos partícipes de ações que a sociedade oferece, convictos de que somos seres carentes dessa prática e que precisamos exercitar tal hábito para interagir com os demais. Daí,

em nosso dia-a-dia e em nossas práticas comunicativas fazemos uso de diversos gêneros, ou seja, todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas a um gênero textual.

Quando nos levantamos, pela manhã, ao cumprimentarmos nossos familiares com um bom dia, ao afixarmos um bilhete na geladeira pedindo a secretária do lar que dê o medicamento certo para a criança, quando no trabalho entregamos o relatório de vendas solicitado pela chefia, e em várias outras formas de atividades, nos valemos dos gêneros. Isso quer dizer que eles permeiam a nossa vida diária e organizam a nossa comunicação e na área da tecnologia eles tem se espalhado de maneira avassaladora.

Dentro dessa perspectiva, Marcuschi (2002) ressalta que nos últimos dois séculos, com o desabrochar das novas tecnologias, especialmente as que estão voltadas para área da comunicação, favoreceram o surgimento de novos gêneros, não exatamente as tecnologias em si, mas, a intensidade de seus usos e suas interferências nas ações comunicativas. Segundo o autor, os grandes suportes tecnológicos da área da comunicação, tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por estarem tão presentes e marcarem a vida diária das pessoas, esses elementos acabam por ajudar a criar e a propiciar novos gêneros que são bastantes característicos, cedendo a oportunidade para que novas formas discursivas surjam, como é caso dos artigos de fundo, editoriais, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais (chats), aulas virtuais (aulas chats) e assim sucessivamente.

Na vida existe uma multiplicidade de gêneros dado à linguagem diversificada que temos, por isso, nos mais diversos lugares sempre iremos nos deparar com uma infinidade de gêneros, que por sua vez, possuem formatos também diversificados. Como bem destacou Marcuschi (2005, p. 22), “[...] eles são fenômenos relativamente plásticos, com entidade social e organizacional bastante grande e são parte constitutiva da sociedade”. Nesta concepção entendemos que os gêneros estão presentes em todas as esferas da vida social do homem e, portanto dão margem à presença de marcas autorais como também de diferentes estilos. Por fim, como pudemos constatar, os gêneros textuais são práticas sócio-históricas.

É importante ressaltar que há uma diferença entre tipo textual e gênero textual, por serem duas noções distintas e que nem sempre são analisadas de forma clara e concisa. Para compreendermos melhor essa distinção entre gêneros e tipos textuais, Marcuschi (2002) define a expressão gênero textual, como uma noção propositalmente vaga, referindo-se aos textos materializados que encontramos em nosso dia-a-dia, e que apresentam características sócio-comunicativas, definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Os gêneros são inumeráveis, tais como: romance, bilhete, notícia, reportagem,

carta pessoal, resenha, editorial, cardápio, outdoor, bula de remédio, lista de compras, inquérito policial, conferencia, piada, aulas virtuais, reunião de condomínio e assim por diante. Já os tipos textuais seguem uma sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas), no geral os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias, a saber: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e dissertação. Para maior visibilidade, vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1 – Definições de Tipos Textuais e Gêneros Textuais

| TIPOS TEXTUAIS | GÊNEROS TEXTUAIS |
|--|--|
| Constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas; | Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas; |
| Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados do interior dos gêneros e não são textos empíricos | Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas; |
| Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal; | Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função; |
| Designação teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição | Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc. |

Fonte: Marcuschi (2002, p. 23).

Desse modo, entre as características básicas dos tipos textuais, está no fato deles serem definidos por seus traços linguísticos predominantes, enquanto que os gêneros textuais são uma espécie de armação comunicativa, preenchida por sequências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas mas relacionadas entre si.

Quando voltado para a área de ensino, Marcuschi (2002) nos esclarece alguns conceitos e também aponta diversas possibilidades de observações dos gêneros textuais. Primeiramente ele adverte a questão da relação oralidade e escrita no contexto dos gêneros textuais, pois os mesmos distribuem-se num contínuo, desde os mais informais aos mais formais e em todos os

contextos da vida cotidiana. Contudo, existem aqueles gêneros que só são recebidos na forma oral, embora tenham sido produzidos no original de forma escrita, como é o caso das notícias de televisão ou rádio. Assim, é preciso trabalhar nesse contexto com bastante cautela, pois essa distinção é complexa e deve ser feita com clareza. Para o teórico, na área de ensino de uma maneira geral, e em sala de aula, pode-se levar os alunos a produzirem e a analisarem eventos linguísticos os mais diversos possíveis, tanto orais como escritos, e identificarem as características de gênero em cada um.

1.2.1 Gêneros textuais orais e escritos

É certo que o texto faz parte do nosso dia-a-dia em inúmeras formas e conteúdo, como também no tipo de linguagem e na estrutura, por isso, quando falamos em gêneros textuais, jamais conseguiríamos definir a quantidade deles existentes na nossa vida diária.

Á partir desse conceito é importante destacarmos os gêneros textuais na relação fala e escrita, pois como bem destacou Marcuschi (2008, p. 190) “parece que o contínuo verificado entre a fala e a escrita também tem seu correlato no contínuo dos gêneros textuais enquanto forma de representação de ações sociais.” E quando comparadas, surge então a necessidade de analisar esse fenômeno.

Segundo o autor os gêneros textuais estão presentes na sociedade e nos costumes, podendo variar de cultura para cultura. Esses são padrões comunicativos, socialmente empregados em uma comunidade e funcionam e representam um conhecimento social localizados em situações reais. Vejamos o que diz o teórico:

Sociedades tipicamente orais desenvolvem certos gêneros que se perdem em outras tipicamente escritas e penetradas pelo alto desenvolvimento tecnológico. É assim que em centros urbanos sofisticados são quase desconhecidos gêneros como os *cantos de guerra* indígena, os *cantos medicinais* dos pajés ou *benzeções* da rezadeiras, os lamentos das carpideiras. Tudo isso surge naquelas sociedades como práticas culturais rotineiras, como o *editorial* de um jornal diário ou uma *bula de remédio* em nossas sociedades. (MARCUSCHI, 2008, p. 190-191, grifo do autor).

Ao mesmo tempo, o autor sugere em relação aos gêneros orais ou escritos, uma visão antidicotômica, pois eles são históricos e têm origem e práticas sociais, além de serem sociocomunicativos. Esses estabilizam determinadas rotinas de realização, tendem a ter uma

forma característica, no entanto, nem tudo neles podem ser definidos sob o aspecto formal, sua funcionalidade lhes dá maleabilidade e definição e são eventos com contrapartes tanto orais como escritos. MARCUSCHI (2008).

O teórico se atem aos gêneros orais, por serem uma área de estudos não muito desenvolvida. Nesse sentido, ele explicita o fato do gênero ser uma noção cotidiana, usado pelos falantes que se amparam em características gerais e situações costumeiras para identificá-lo. Ele mostra-nos que os falantes se orientam, em suas decisões acerca do gênero de texto que ambos produzem ou que ainda vão produzir em cada contexto comunicativo, e isso para o autor é um fenômeno do saber social comum. Enfim, esses gêneros se constroem a partir da interação comunicativa e não naturalmente, como também são fenômenos sociointerativos.

Quando voltado para a área de ensino é perceptível a multiplicidade de gêneros presentes na atualidade, de sorte que surge uma certa indagação: será que existe aquele gênero ideal para se trabalhar em sala de aula? Ou será que existem gêneros com maior valor do que outro? Diante dessa questão, até mesmo os próprios PCN tem uma certa dificuldade diante desse conceito, pois pelo que parece, existem mais gêneros adequados para a produção e outros mais adequados para a leitura. Desta feita, Marcuschi salienta que um bilhete, uma carta pessoal ou uma listagem são importantes para todos os cidadãos, todavia, uma notícia de jornal, uma reportagem ou um editorial são exemplos de gêneros menos praticados pelos indivíduos, mas que são lidos por muitos.

Ainda na visão dos PCN a respeito dos gêneros textuais, o autor salienta que o parecer dos PCN em relação língua falada e escrita não se opõem de forma dicotômica, além disso, é perceptível a posição entre ambas, pois tanto a língua falada como a língua escrita se relacionam num contexto do contínuo dos gêneros textuais.

O autor afirma ainda que, as observações feitas sobre a relação entre fala e escrita são vagas e imprecisas, pois pelo que parece ambas se oporiam pelo fato de que a fala fosse uma forma de comunicação espontânea, cotidiana e coloquial, enquanto que a escrita refere-se tão somente a língua-padrão e socialmente prestigiada. O mesmo ressalta, haver uma certa confusão entre oralidade e escrita, pois não existe uma clareza quanto aos critérios usados para proporcionar estabilidade entre essa distinção e até mesmo os próprios PCN não tem colaborado para melhor compreendermos esse ponto.

Para melhor compreendermos essa ideia, Marcuschi (2008) apresenta dois quadros com gêneros similares nas duas modalidades. Sendo que o quadro de número 1, apresenta gêneros que são sugeridos para serem trabalhados na prática de compreensão de textos,

enquanto que no quadro 2, os gêneros sugeridos são para serem trabalhados na prática de produção de textos. Observemos:

Quadro 2- Gêneros Previstos para a Prática de Compreensão de Textos

| LINGUAGEM ORAL | | LINGUAGEM ESCRITA | |
|-----------------------------|---|-----------------------------|---|
| LITERÁRIOS | Cordel Texto dramático | LITERÁRIOS | Conto Novela Romance Crônica Poema Texto dramático |
| DE IMPRENSA | Comentário radiofônico Entrevista Debate Depoimento | DE IMPRENSA | Notícia Editorial Artigo Reportagem Carta do leitor Entrevista |
| DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA | Exposição Seminário Debate Palestra | DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA | Verbetes enciclopédico (nota / artigo) Relatório de experiências Didático (textos, enunciados de questões) |
| PUBLICIDADE | propaganda | PUBLICIDADE | Propaganda |

Fonte: Marcuschi (2008, p. 210).

Quadro 3 - Gêneros Previstos para a Prática de Produção de Textos

| LINGUAGEM ORAL | | LINGUAGEM ESCRITA | |
|-----------------------------|------------------------------------|-----------------------------|---|
| LITERÁRIOS | | LITERÁRIOS | Conto Poema |
| DE IMPRENSA | Entrevista Debate Depoimento | DE IMPRENSA | Notícia Editorial Carta do leitor Entrevista |
| DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA | Exposição Seminário Debate | DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA | Relatório de experiências Esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia |

Fonte: Marcuschi (2008, p. 210).

Como é perceptível, o que o autor de fato quer nos mostrar nesses dois quadros, é que existem mais gêneros na área de compressão do que na área de produção de textos e quando

voltado para a realidade atual na sala de aula, vemos que os alunos escrevem pouco ou quase não escrevem, como se a produção de textos ainda fosse uma atividade desconhecida pela maioria dos alunos e que as atividades de compressão são mais praticadas em relação à produção textual.

1.2.2 Gênero Notícia e sua aplicabilidade no contexto social

Quando voltado para as práticas de letramento, os gêneros da esfera jornalística ainda são poucos empregados no ensino aprendizagem, desta feita, faremos um breve estudo sobre o gênero notícia, sua importância, e como esse gênero ocupa um grande espaço na sociedade.

A escolha do gênero notícia deu-se também pelo fato de ser um conteúdo do currículo do Ensino Médio e o domínio dos mecanismos linguístico-discursivos desse gênero serem bastante pertinentes para a reflexão sobre o uso da Língua Portuguesa. Acreditamos que o gênero notícia pode funcionar como um instrumento complementar no ensino aprendizagem da leitura e da escrita.

Partiremos dos estudos realizados por Barbosa (2001), onde a mesma enfatiza que historicamente, antes mesmo da existência de portadores textuais como os jornais, as revistas, o rádio, a televisão e a internet, o gênero notícia já existia há muito tempo.

Segundo a autora, sua manifestação foi notável em tempos primórdios, como por exemplo, na Idade Média, onde a transmissão era feita oralmente e tanto o clero como a nobreza eram responsáveis pela transmissão das notícias oficiais, que por sua vez, eram transmitidas via mensageiros, o que comprova que esse gênero possui caráter social.

De acordo com Medina (1988) em seus estudos, a autora ressalta que em terras brasileiras, a imprensa foi implantada no início do século XIX, mais precisamente no ano de 1808, com o jornal Gazeta do Rio de Janeiro, que de início dependia do Império Português, sendo subordinada às suas ordens e publicações. Esse veio a se tornar dependente em 1821 pelo decreto de supressão de censura, pois o objetivo era mais para formar opiniões e não para trazer informações. Segundo a autora, a imprensa vendo a necessidade de se tornar conhecido com mais rapidez o que ocorria no país naqueles dias, “[...] a notícia empurra a opinião de grande parte das páginas do jornal”. Medina (1988, p. 53).

Sabemos que através dos programas jornalísticos da TV, rádio ou até mesmo em jornais e revistas impressas ou on-line nos deparamos com uma boa quantidade de gêneros de texto, tanto os orais como os escritos, por exemplo: reportagens, editoriais, artigos, resenhas,

anúncios e muitos outros, todavia é através das notícias que ficamos informados, sabendo tudo o que acontece em nossa cidade, bairro, em nosso país e no mundo.

Segundo os estudos de Lages (1999), o mesmo enfatiza que:

Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou. É também axiomática, isto é, se afirma como verdadeira: não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro. Lages (1999, p. 30).

Nessa perspectiva, entendemos que, quando no ato de produção, o gênero notícia precisa passar por um processo de construção, ou seja, o redator pesquisa os fatos, faz à apuração desses fatos, seleciona os dados mais importantes e realiza uma interpretação dos dados. E mais, quando se tratando de uma notícia, o que mais importa são os relatos e não os fatos.

Ainda segundo Lages (1999), a notícia só funciona se ela informar seu público, caso contrário, ela é apenas um relato, ou seja, essas informações precisam ser necessariamente transformadas em notícias, por meio das técnicas de jornalismo. Outro ponto importante, é que o texto, é o elemento que dar consistência a um acontecimento. E para que esses pontos citados aconteçam, precisa-se seguir a estrutura característica desse gênero.

A abordagem de textos jornalísticos na escola é de suma importância, uma vez que sua recepção, ocorrida desde cedo no lar, raramente é acompanhada de reflexões sobre suas condições de produção e os objetivos do autor frente ao leitor. Portanto, cabe à escola a responsabilidade de orientar e promover o acesso ao conhecimento desses objetos culturais, assim sendo, ao alcançar o Nível Médio da educação básica, o aluno precisa ter desenvolvido algumas habilidades que lhe permitam ter conhecimento de diversos gêneros textuais e posicionar-se ideologicamente sobre os conteúdos inerentes a eles.

Na sala de aula, esse gênero torna-se indispensável tanto para o trabalho de leitura como de escrita, tendo em vista o mesmo ser constituído de vários tipos de enunciados específicos com o qual os alunos têm contato em sociedade. Segundo Bonini (2011, p. 66):

[...] seria aconselhável estudar os gêneros essenciais ao entendimento do jornal, pois eles funcionam em conjunto, de modo que a explicação de um depende de se explicar outro ou outros. Além disso, é importante considerar, neste caso, uma contribuição dessas pesquisas ao trabalho didático com o jornal integralmente, seja na confecção dos jornais escolares, seja em sua utilização como base de atividades de linguagem em sala de aula, [...]

Para que se operem transformações na relação ensino-aprendizagem, necessário se faz um redimensionamento na forma de trabalhar a linguagem e hoje é quase consensual que esse trabalho deve está centrado no texto. A linguagem possui, portanto, dupla importância na construção do saber, pois permite a relação do professor com o aluno e deste com o discurso que o cerca.

Acreditamos que, apesar de o domínio da escrita da notícia enquanto gênero jornalístico não ser uma necessidade de todas as profissões, é de extrema importância que um aluno de Ensino Médio domine seus recursos enunciativo discursivos, considerando a capacidade de ação relacionada a esse gênero.

A partir de uma pesquisa realizada em um livro didático, cujo título é “Português, uma língua brasileira” do ano 2012, as autoras Lígia Menna, Regina Figueiredo e Maria das Graças Vieira, proporcionam em seus estudos, um primeiro contato dos alunos com os jornais impressos, ou seja, elas mostram de forma detalhada, a linguagem e os recursos expressivos que compõem o gênero notícia. Daí, achamos importante abordar esse estudo dentro do nosso trabalho.

De início, as notícias são compostas basicamente de um título, também intitulado de manchete, e o que chamamos de corpo da notícia, são os detalhes e o desenvolvimento do assunto que está sendo divulgado.

Alguns títulos são informativos, e visam antecipar ao leitor o conteúdo da informação, possibilitando desse modo que ele decida se quer ou não conhecer mais detalhes sobre o assunto que está sendo abordado. Já outros títulos tem como intuito, provocar a curiosidade do leitor levando-o a querer saber melhor o assunto que está sendo abordado. Algumas vezes isso é feito para, indiretamente induzir o leitor a comprar o jornal ou até mesmo acessar o site onde a notícia está publicada etc.

Com relação à manchete, são os editores que escolhem qual a manchete ou site que prevalecerá no jornal, esses editores ou jornalistas, são os responsáveis pelo veículo de comunicação em que as notícias e outros gêneros jornalísticos serão divulgados. Eles também são responsáveis pela decisão final sobre o lugar que os textos vão ocupar no jornal (primeira página, seção específica sobre determinado tema etc.) e sobre quais textos receberão maior ou menor destaque.

As autoras ressaltam também, o uso comum de siglas e abreviaturas nas notícias, porque elas são suportes que ajudam na localização dos fatos, informando sobre as instituições citadas no texto.

Nas notícias, é comum encontrarmos depoimentos de pessoas envolvidas no fato relatado, e essa é umas das fontes pelas quais os jornalistas se apropriam para dar credibilidade ao que se está sendo divulgado. Outro fato interessante, é que os tempos verbais estão presentes nesse gênero, quando ao relatar fatos que aconteceram e aqueles que ainda vão acontecer, daí observamos o uso de verbos no passado e no futuro.

Enfim, como seres que vivem em sociedade, podemos expressar nossas opiniões abertamente, e acreditamos que tanto os jornais escritos ou orais, contribuem de alguma forma para que haja uma interação ente os membros de uma comunidade.

Eis a importância de se trabalhar esse gênero em sala de aula, pois quando estudado de forma detalhada, esse gênero pode proporcionar um crescimento na área intelectual, de sorte a levar os nossos alunos a se posicionarem como sujeitos críticos de mentes pensantes.

2 LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS NA PRÁTICA DOCENTE

Tanto as práticas de Letramento como os Multiletramentos estão em evidências na vida escolar e no dia-a-dia dos alunos. Isso podemos constatar, quando voltamos o nosso olhar para o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, em que percebemos que, ambas modalidades não são apenas um processo de codificação e decodificação. Entendemos que o conhecimento precisa ser explorado além das fronteiras escolares, não podendo ficar restrito somente na sala de aula, para que assim os alunos possam desenvolver práticas cotidianas nas diversas esferas sociais e culturais.

É importante dizer que letrar vai além de alfabetizar, e para isso, o docente precisa ensinar tanto a ler como escrever num âmbito contextual, onde a leitura e a escrita possam transmitir sentidos na vida cotidiana dos alunos, pois tais práticas são essenciais para que um indivíduo tenha o direito de exercer a sua cidadania. Segundo Tfouni (1995, p. 20) “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.”

Na atualidade, se é importante que nossos alunos conheçam o funcionamento da escrita, mais importante ainda é que conheçam e coloquem em funcionamento as práticas sociais letradas, para que dessa forma eles possam atuarem como sujeitos participativos e reflexivos nos ambientes em que vivem.

Como a escola é uma instituição direcionada justamente para a formação de cidadãos na área do letramento, ela é responsável na ampliação e competência tanto da leitura como da escrita dos aprendizes, principalmente quando nos deparamos com uma sociedade pós-moderna, em que a tecnologia tem se evoluído muito, concedendo oportunidades e agregando novas maneiras de se trabalhar o letramento na sala de aula.

Para tanto, o nosso objetivo em sala de aula, deve priorizar as práticas de letramento e ao mesmo tempo adentrar no campo dos multiletramentos, por ser este um campo muito vasto e exigido pela sociedade contemporânea que utiliza continuamente as novas tecnologias e as mídias digitais. Portanto, Letramento e Multiletramentos são dois caminhos importantes a serem percorridos, pois ambos ajudam na construção do conhecimento e cada qual tem sua missão no campo do ensino e aprendizagem.

Desta feita, faz-se necessário buscar novos métodos de ensino que envolvam o uso das tecnologias e mídias digitais na prática docente, desmistificando assim a metodologia de muitos professores que, em pleno século XXI, ainda são contra o uso dessas ferramentas.

Nesse sentido, é importante que os professores se atualizem para que possam acompanhar esse processo, como profissionais competentes, em prol da formação de alunos dessa nova geração.

2.1 LETRAMENTO: UMA PRÁTICA SOCIAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Segundo Soares (2009), o termo letramento foi usado pela primeira vez no Brasil, no ano de 1986 por Mary Kato, no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Nos anos de 1995, como parte de títulos de livros, o mesmo aparece nas obras *Os significados do letramento*, organizado por Ângela Kleiman e *Alfabetização e Letramento*, de Leda V. Tfouni.

No campo da educação brasileira, o termo letramento, quando surgiu, não foi muito entendido e se confundiu com o processo de *alfabetização*. Isso provocou um desconforto, por parte de professores alfabetizadores, que pensavam que letrar era a mesma coisa que alfabetizar. Essa dúvida foi esclarecida por Magda Soares (2002) ao dizer que o letramento tem a finalidade de inserir o indivíduo no mundo do conhecimento, que vai além das práticas de leitura e escrita, ou seja, da codificação e decodificação. Segundo a autora:

Indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm habilidades e atitudes necessárias para uma participação viva e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição em uma sociedade letrada. (SOARES, 2002, p. 146).

Assim sendo, entendemos que tanto a leitura como a escrita são objetos sociais, cuja presença e funções ultrapassam o marco escolar. Por isso, como o aluno é um sujeito ativo e construtivo do seu próprio conhecimento, o mesmo desempenha um papel muito importante na área da aprendizagem, podendo sobressair em relação à escrita e à leitura. Nesse sentido, o indivíduo ao envolver-se nessas práticas sociais, alteram suas condições em vários aspectos, tais como: sociais, psíquicos, políticos, culturais, cognitivos, linguísticos, e até mesmo no ponto de vista econômico. Sendo assim, toda mudança que um indivíduo ou grupo social sofre, é designado letramento, ou seja, “é o resultado da ação do ensinar ou do aprender a ler e

a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” Soares (1999, p. 18).

Outro critério importante a ser frisado, é com relação à diferença entre letramento e alfabetização na área das pesquisas em Educação, História, Sociologia e Antropologia. Essas pesquisas estão voltadas para o número de alfabetizados e analfabetos e sua distribuição por regiões, sexo, idade, época, etnia, etc. Nesse caso, as pesquisas que envolvem o número de crianças que a escola consegue adentrar a aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais, são pesquisas relacionadas à alfabetização, enquanto que, as que buscam mostrar os usos e as práticas sociais de leitura e escrita têm como objetivo, recuperar através de documentos e outras fontes, as práticas de leitura e escrita relacionadas ao passado, ou seja, são pesquisas que adentram em diferentes épocas, regiões ou grupos sociais, ou seja, são pesquisas sobre letramento. Enfim, a autora vai mais além, quando de forma categórica afirma:

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo, sentido vinculado a letramento). Assim um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 1999, p. 24).

Compreendemos então, que o fenômeno a qual chamamos de letramento não é uma habilidade e não está relacionada somente à escrita, ou seja, esse conceito não trata somente os usos da língua na escola, mais está presente em qualquer outro contexto, como por exemplo a oralidade.

Considerando os estudos de Kleiman (1995, p. 20) a autora enfatiza que “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”, ou seja, o letramento abrange um conjunto de habilidades e competências. Exemplo disso são as atribuições de significado que nossos alunos devem dar às suas leituras, considerando seus conhecimentos de mundo.

Outro ponto importante que a autora enfatiza é o distanciamento das práticas de letramento dentro e fora da escola. Vejamos:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de Letramento, preocupa-se não com o letramento na prática social, mas com apenas o tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico) processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20).

De acordo com Kleiman, letramento é um fenômeno que vai além das práticas situadas na escola, no entanto, esta instituição tem se preocupado mais em alfabetizar do que inserir o indivíduo nas práticas de letramento. A autora especifica outras agências, pelas quais orientam o indivíduo, num contexto em que letramento é visto de forma mais ampla, tais como a família, igreja, etc.

É importante destacar que, a escola como uma instituição de ensino, é responsável por colocar o aluno em momentos onde ocorram as práticas de letramento. Ela tem o dever de criar condições de uso real da leitura e da escrita para que os alunos ao dominarem bem essas ações, sejam capazes de se comunicar-se nas diferentes esferas da sociedade de acordo com suas necessidades. Kato (1986, p.7) diz que:

A função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. Acredito ainda que a chamada norma padrão, ou língua falada culta, é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita.

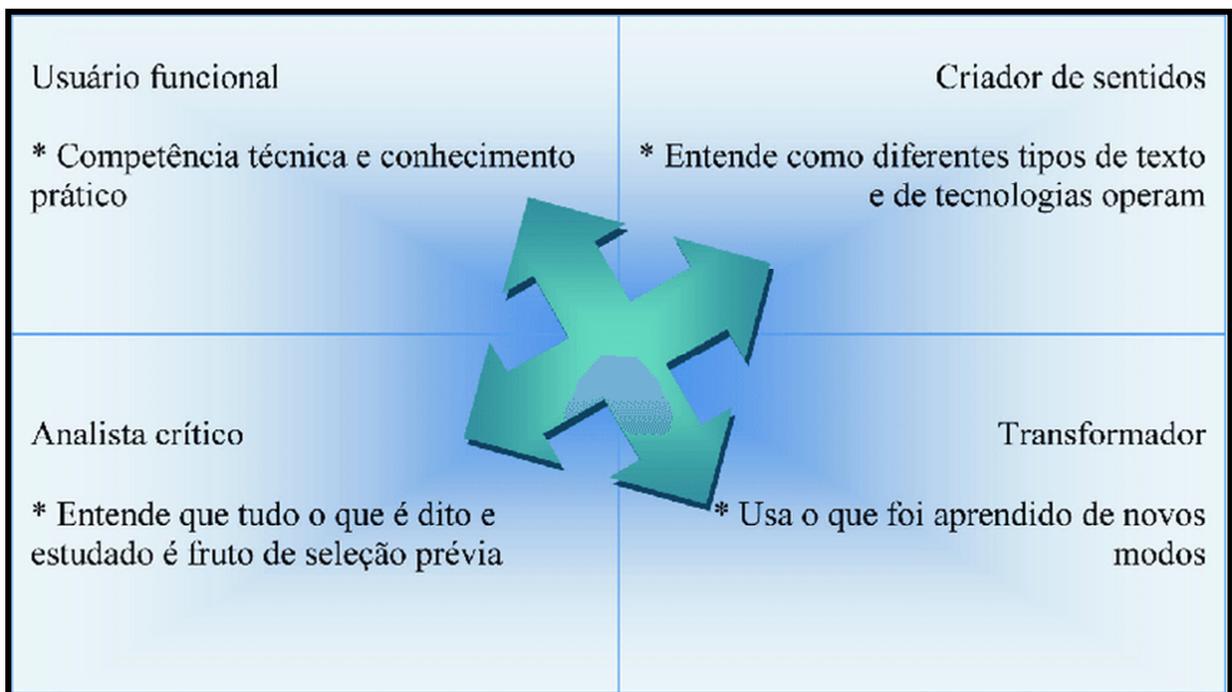
Nesse sentido, um dos papéis fundamentais da escola, é estimular o aluno dentro dessa perspectiva, e para complementar, a utilização de textos que circulam na sociedade é de suma importância, e precisam ser trabalhados na sala de aula, pois são os textos que representam a realidade dos alunos. Portanto, pesquisar, analisar, estudar as diversidades de textos presentes na sociedade, demanda muito esforço, mais ao mesmo tempo é enriquecedor, motivador e produtivo.

2.2 OS MULTILETRAMENTOS: UMA PRÁTICA INOVADORA

Com o avanço da tecnologia, a linguagem vem conquistando o seu espaço e ganhando contornos ainda mais complexos, como é o caso do multiletramentos, que foram criados por um grupo de dez pesquisadores, denominado “Grupo de Nova Londres” (GNL), no ano de 1996, nos Estados Unidos da América. Segundo esse grupo de estudiosos, os multiletramentos lidam com a “multiplicidade de canais de comunicação e mídia, e a crescente saliência da diversidade cultural e linguística.” (GNL, 1996, p. 3-4).

Esse grupo propôs quatro princípios sobre como conduzir o ensino dos multiletramentos. Observemos esses princípios na Figura 1:

Figura 1 – Mapa dos Multiletramentos



Fonte: <<https://www.researchgate.net/publication/315896921/figure/fig1/AS:481922737545218@1491910742217/Figura-1-Mapa-dos-Multiletramentos-Fonte-Elaborado-pela-pesquisadora-e-adaptado-de-DECS.png>>
Acessado em: 20 ago. de 2017.

Segundo Rojo (2012, p. 29) esse princípio “tratava-se de formar um usuário funcional que tivesse competência técnica nas ferramentas/textos/práticas letradas requeridas, ou seja, garantir os “alfabetismos” necessários às práticas de multiletramentos,” A partir desse conceito, Rojo ressalta que, o trabalho da escola em relação a esses alfabetismos, estaria em inserir o aluno à práticas que os transformem em criadores de sentidos, levando-os a serem

analistas críticos, aptos na transformação dos discursos e significações, tanto na área da recepção como na produção.

Com relação a essas metas, o GNL apresentava alguns movimentos, para que à partir destes, o ensino-aprendizagem pudesse ser levado a efeito, tais como: prática situada; instrução aberta; enquadramento crítico e prática transformada. Rojo, resume esses quatro componentes de maneira lógica. Vejamos:

Nesse caso específico, a *prática situada* remete a um projeto didático de imersão em práticas que fazem parte das culturas do alunado e nos gêneros e designs disponíveis para essas práticas, relacionando-as com outras, de outros espaços culturais (públicos, de trabalho, de outras esferas e contextos). Sobre essas se exerceria então uma *instrução aberta*, ou seja, uma análise sistemática e consciente dessas práticas vivenciadas e desses gêneros e designs familiares ao alunado e de seus processos de produção e de recepção. Nesse momento é que se dá a introdução do que chamamos *critérios de análise crítica*, ou seja, de uma metalinguagem e dos conceitos requeridos pela tarefa analítica e crítica dos diferentes modos de significação e das diferentes “coleções culturais” e seus valores. Tudo isso se dá a partir de um *enquadramento dos letramentos críticos* que buscam interpretar os contextos sociais e culturais de circulação e produção desses designs e enunciados. Tudo isso visando, como instância última, à produção de uma *prática transformada*, seja de recepção ou de produção/distribuição. (ROJO, 2012, p. 30, grifo do autor).

Tudo isso, resume-se à pluralidade cultural e a diversidade de linguagem envolta no conceito dos multiletramentos.

Ao adentrarmos nas características dos multiletramentos, a autora diferencia letramentos (múltiplos) de multiletramentos. Enquanto o primeiro aponta para a multiplicidade das práticas letradas, valorizadas ou não pelas comunidades, o segundo especifica dois tipos de multiplicidade presentes em nossas sociedades, sendo estes: a multiplicidade cultural e a multiplicidade semiótica.

A multiplicidade de culturas, diz respeito às diversidades culturais letradas em plena circulação na sociedade. Isso é perceptível no conjunto de textos mestiços de diferentes letramentos, caracterizados por uma escolha particular e política, como também a hibridização nas produções de coleções diferentes. Já a multiplicidade de linguagens, refere-se aos modos ou semioses nos textos que estão em circulação, para a autora, essa característica encontra-se nos textos em circulação, seja nas mídias, nos textos impressos, digitais ou não. Isso significa dizer que, os textos atuais não são apenas compostos por signos linguísticos, mas podemos perceber a existência de vários outros elementos tais como, os signos verbais e imagens que são perceptíveis nas mídias audiovisuais.

Ainda dentro da multiplicidade de linguagens, Rojo (2012), apresenta alguns exemplos de textos reproduzidos, que podem ser impressos, digitais ou analógicos. Vejamos alguns exemplos similares:

Figura 2 – Página da Revista Capricho

Siga o passo-a-passo e copie o look de Miley Cyrus

1 Comece aplicando uma base leve em todo o rosto

2 Aplique sombra roxa na linha dos cílios inferiores e lápis preto na linha d'água e como delineador! Se preferir, use lápis roxo no lugar da sombra. *amo a textura dessa sombra*

3 Para um efeito mais definido e bonito, use várias camadas de máscara de cílios preta nos cílios superiores e inferiores. Use a máscara incolor para manter todos os pelinhos da sobrancelha controlados.

4 Nas bochechas, escolha um blush mais natural, que garanta um ar saudável e valoriza o tom natural da pele.

5 Para manter a maquiagem equilibrada, escolha um gloss claro, com alguns brilhos suaves

Para usar sombra roxa sem medo, a dica é aplicar uma fina camada de corretivo na área das olheiras depois da make pronta!

Fonte: <http://www.borboletasnacarteira.com.br/tag/capricho/> Acesso em: 11 de ago. 2017.

Figura 3 - Tela da matéria do Globo Repórter – Sobre Moçambique

Globo Repórter: Moçambique
Diego Camargo • 87.519 visualizações

1:07 45:22

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xQUatiRT4Y8> acessado em: 11 de agosto de 2017.

São textos como esses, chamados de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos e, por sua vez são compostos por muitas linguagens (ou modos, ou semioses), os mesmos requerem a capacidade e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para que os textos tenham sentidos. (ROJO, 2012)

Compreendemos então que, as novas tecnologias de informações, constituem multiletramentos, pois apresentam diversas linguagens como imagens e sons por exemplo. A predominância de tal modalidade nessas mídias virtuais também pode ser observada nas redes sociais, nas quais os usuários postam seus sentimentos, informações e inclusive trechos de livros.

Para finalizarmos, com relação ao funcionamento dos multiletramentos, Rojo enfatiza que: são interativos ou colaborativos e, por sua vez, fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, especialmente as relações de propriedades (máquinas, ferramentas, ideias, textos verbais ou não), e por conseguinte, eles são híbridos, fronteirios, mestiços, (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Na atualidade, o que se espera é que cada indivíduo tenha autonomia e busque apreender o que for necessário para um melhor desempenho na sociedade, portanto, trabalhar com os multiletramentos na sala de aula é de suma importância já que, a nossa sociedade encontra-se mergulhada num mar de tecnologias e mídias digitais.

A escola como uma instituição de ensino, precisa desenvolver mecanismos que envolvam as novas tecnologias de informação e comunicação, a fim de tornar nossos alunos agentes competentes, capazes de produzir e receber significados no que se referem aos mais variados tipos de linguagem, seja ela verbal ou não, pois novas tecnologias requerem novos letramentos.

Nesse novo cenário cultural, a escola precisa oferecer oportunidades ao aluno, onde ele possa adquirir competências e desenvolverem-se nas mais variadas formas de letramentos contemporâneos. E para isso, é preciso que seja pensada uma pedagogia de multiletramentos, que leve em consideração a multiplicidade de linguagens e as multimodalidades textuais.

3 UMA PROPOSTA METODOLÓGICA COM O GÊNERO NOTÍCIA A SER TRABALHADA COM ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

A adoção do gênero notícia para a Prática de Ensino de Língua Portuguesa se justifica pelo fato deste fazer parte da realidade da vida dos alunos, pois diariamente ouvem, assistem e leem notícias. Além disso, trata-se de um gênero rico em informações e conteúdos que possibilitam o acesso à leitura e à escrita, como também ao posicionamento crítico de cada indivíduo.

A proposta de intervenção, aqui apresentada, está destinada a professores que atuam no primeiro ano do ensino médio, com a intenção de contribuir na sua prática docente, no desenvolvimento com a leitura e a escrita. Essa consta de uma sequência de atividades desenvolvidas em seis módulos, com a duração de doze horas/aula no total. O objetivo é estimular o desenvolvimento autônomo, por parte do aluno, no processo de leitura e escrita, na perspectiva dos multiletramentos, onde o mesmo possa torna-se um leitor competente, criativo e participativo na sociedade.

Os materiais utilizados são: jornais, revista, livros, texto xerográficos, projetor multimídia, aparelho de som, notebook, textos pessoais, dentre outros.

MÓDULO 1 (2 horas/aula)

Conteúdo: O gênero notícia

Objetivo: Familiarizar os alunos com o gênero notícia e identificar o conhecimento dos mesmos à cerca desse gênero.

Material necessário: Projetor multimídia.

DESENVOLVIMENTO:

No primeiro momento será realizada uma roda de conversa com os alunos sobre o gênero notícia, no intuito de detectar os conhecimentos prévios a cerca do mesmo. Em seguida, distribuir vários exemplares de notícias, para que os alunos tenham seu primeiro contato com esse gênero.

A partir desse primeiro contato, sugerir que os alunos explorem oralmente suas impressões sobre o texto.

MÓDULO 2 (2 horas/aula)

Conteúdo: Os elementos do gênero notícia

Objetivo: Classificar os elementos característicos do gênero notícia.

Material necessário: Projetor multimídia e texto xerocopiado.

DESENVOLVIMENTO

Com o auxílio do projetor multimídia, expor o gênero notícia, e discutir os principais elementos que constituem esse gênero, ou seja, a sua estrutura composicional. Em seguida, distribuir um texto xerocado, intitulado: **Crise multiplica camelôs no centro de BH**, para que os alunos façam uma análise. Ao lerem o texto, deverão classificar os elementos presentes no texto a fim de reconhecerem os pontos pertinentes ao gênero. Exemplo:

Figura 4 – Texto: Capa do jornal Hoje em Dia

HOJE EM DIA

28 JAN 17

RS 2,00

FIQUE POR DENTRO COM TODOS OS CANAIS DO HOJE EM DIA

ON-LINE
HOJEMDIA.COM.BR
FACEBOOK.COM/JORNALHOJEMDIA
INSTAGRAM @JORNALHOJEMDIA
TWITTER @JORNALHOJEMDIA
WHATSAPP — 31.98372-1031

19°C A 30°C
SOL COM FLEBES; NEVOS; NÃO CHOVE.

SÁBADO
28 ANOS

Na abertura do Campeonato Mineiro hoje, Fred entra em campo para defender o Galo contra o time onde deu os primeiros chutes na bola, o América de Teófilo Otoni.
ESPORTES — P.28

CRISE MULTIPLICA CAMELÔS NO CENTRO DE BH

Ambulantes se espalham pelas ruas da capital, transformadas em um grande mercado a céu aberto. Com o desemprego em alta, a informalidade é a saída para milhares de trabalhadores, que desafiaram a fiscalização da prefeitura. CDL reclama da concorrência desleal. **HORIZONTES — P.18 E 19**

BANCOS DIFICULTAM QUITAÇÃO DE DÍVIDAS

Seis em cada dez clientes garantem não encontrar boas condições para renegociar os débitos. Novas regras para uso do rotativo do cartão de crédito exigirão acordo entre as partes. **PRIMEIRO PLANO — P.4 E 5**

PLANO DIRETOR DEVE SER DESMEMBRADO

Em entrevista exclusiva ao *Hoje em Dia*, presidente da Câmara de BH diz que projeto deve ser analisado sob duas vertentes distintas. A social, que trata das ocupações, será prioridade. **PRIMEIRO PLANO — P.6 E 7**

PRIMEIRO PLANO — P.11

EIKE PEDE REGALIAS

Foragido há dois dias, empresário pretende negociar condições para se entregar à polícia. Sem curso superior, ele não quer ir para prisão comum.

PONTO DE VENDAS — Um dos quarteirões mais disputados é o da rua São Paulo, entre Amazonas e Carijós: promoção e até pagamento em cartão

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/470063279842219594/?lp=true>. Acesso em: 9 de ago. 2017.

Quadro 4 – Estrutura e Definição da notícia

| ESTRUTURA | DEFINIÇÃO |
|----------------------------|--|
| Antetítulo | Usado antes do título. É facultativo |
| 1. TÍTULO | Encontra-se antes do texto, com letras maiores ou de cores diferentes para melhor destacar. Deve ser breve e que esclareça bem o assunto. |
| Subtítulo | Surge depois do título, É facultativo. |
| 2. LEAD | Corresponde ao primeiro parágrafo da notícia. Fornece ao leitor informações básicas sobre o conteúdo. Deve responder as seguintes questões: Quem: Personagens (protagonistas e antagonistas) O que: O fato, a ação (enredo). Quando: A época, o momento que ocorreu o fato. Onde: O lugar onde ocorreram os fatos. |
| 3. CORPO DA NOTÍCIA | Corresponde ao restante do texto e responde as seguintes perguntas: Como: O modo como se desenrolou o fato ou a ação. Por quê: A causa, razão ou motivo. |

Fonte: <http://conversadeportugues.com.br/2016/01/noticia/>. Acesso em: 26 de ago. 2017.

MÓDULO 3 (2 hora/aulas)

Conteúdo: Atividade de Aprendizagem

Objetivo: Testar os conhecimentos prévios dos alunos a cerca do gênero notícia, como também levá-los a praticar a leitura e a escrita.

Material necessário: Texto xerocopiado

DESENVOLVIMENTO

Nesse momento será distribuída uma atividade xerocada, contendo o gênero impresso para a leitura, como também algumas questões para serem respondidas pelos alunos, no intuito de praticarem a escrita.

MODELO DA ATIVIDADE:

ESCOLA: _____
 NOME: _____ SÉRIE: _____ DATA: ___/___/___
 PROFESSOR (A): _____

ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM

1. LEIA ESTA NOTÍCIA, EM SEGUIDA RESPONDA AS SEGUINTEs QUESTÕES:

Figura 5 - Notícia

Comer peixe reduz risco de depressão pós-parto

Fontes de proteínas, fósforo, cálcio, iodo e de vitaminas fundamentais para o bom funcionamento do organismo, os peixes ainda não são consumidos na quantidade ideal por aqui. Cada brasileiro ingere 9 quilos de pescado ao ano, enquanto a recomendação da Organização Mundial da Saúde é de no mínimo 12 quilos. "Os peixes são ricos de ômega três e ácido graxo, que reduzem o risco de doenças cardíacas e também colaboram para o desenvolvimento cerebral e a regeneração das células nervosas", diz a nutricionista Juliana Menegazzi, da Saúde Viver Consultoria em Nutrição. Uma pesquisa norte-americana também provou que o consumo de ômega três durante a gravidez reduz o risco de depressão pós-parto.

Fonte: Folha Universal, 19 de novembro de 2011.

Fonte: <https://pt.slideshare.net/aldreatrindade/atividade-de-escrita-e-leitura-4-e-5-anos-16589002>. Acesso em: 15 de ago. 2017.

- a. Indique nesta notícia, a manchete, a lide e o corpo da notícia.
- b. Com base no texto apresentado, identifique os elementos da comunicação que normalmente compõem o gênero notícia.
 - O quê (fatos):
 - Onde (local):
 - Quem (personagens/pessoas):

MÓDULO 4 (2 horas/aula)

Conteúdo: Reapresentação do Gênero Notícia por meio de uma produção textual

Objetivo: Produzir uma notícia através de uma prática de multiletramentos

Material necessário: Aparelho celular, notebook, projetor multimídia e folhas A4.

DESENVOLVIMENTO:

Nesse momento, os alunos serão divididos em grupos e orientados quanto às possíveis dúvidas no desenvolvimento de seus trabalhos. Para isso, é importante sugerirmos alguns temas, de preferência, atuais, locais como em nível mundial, para facilitar a produção do texto.

Para a pesquisa, os alunos poderão fazer uso, principalmente, do aparelho celular e do notebook, a fim de encontrar notícias várias e escolher uma temática a ser trabalhada.

Depois da escolha do tema, a equipe deve fazer a leitura e a compreensão do texto para poder responder às seguintes perguntas e produzir seu texto.

1. Por que escolhemos este tema?
2. Quais as informações presentes nele?
3. Escolha uma imagem que caracterize a sua notícia que você quer produzir.
4. A partir da temática escolhida, produza uma outra notícia, de acordo com a estrutura composicional deste gênero, contendo no máximo uma lauda.

MÓDULO 5 (2 horas/aulas)

Conteúdo: Revisão do texto do gênero notícia e montagem dos slides a serem apresentados.

Objetivo: Revisar o conteúdo e a produção do texto.

Material necessário: Projetor Multimídia, celular e notebook.

DESENVOLVIMENTO:

Esse é o momento em que a equipe deve realizar a última revisão do texto produzido, considerando o seu conteúdo e a escrita. Além disso, devem montar os slides a serem apresentados na culminância dessa atividade.

MÓDULO 6 (2 horas/aulas)

Conteúdo: Exposição do gênero produzido.

Objetivo: Apresentar os gêneros notícias, trabalhadas em sala de aula, através de slides e no mural da escola.

Material necessário: Projetor Multimídia, notebook e cartolina.

DESENVOLVIMENTO:

As equipes deverão apresentar as notícias desenvolvidas em sala de aula com o uso do projetor multimídia e, por sua vez, expô-las através de cartazes no mural da escola, criando assim, um momento de interação entre todos.

AValiação

A avaliação será realizada pelo professor da disciplina, ao considerar a participação e o desempenho das equipes no desenvolvimento das atividades, nas apresentações em sala, bem como, nas produções escritas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ratifica que, a busca por novas estratégias de ensino na Língua Portuguesa é algo extremamente importante. Nesse sentido, entendemos que, a contribuição da Linguística Textual para com o estudo do texto em todo contexto, é fundamental tanto na modalidade oral como na escrita, pois essa ciência tem como objetivo investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão do texto. Além disso, pudemos constatar a relevância do conhecimento do gênero textual para o aluno, por situá-lo nas várias práticas sociais em que ele se encontra.

Portanto, na escola, o estudo com os gêneros textuais precisa ser levado em consideração, e cabe a nós professores utilizar de técnicas que envolvam os alunos com os diferentes gêneros textuais, através de novas práticas metodológicas a serem trabalhadas em sala de aula.

No que diz respeito às práticas de multiletramentos, compreendemos serem atividades que preparam o sujeito a atuar em uma sociedade letrada, que faz uso de uma linguagem diversificada, pois envolve as novas tecnologias e mídias digitais em favor da educação. Sendo assim, com o advento dos multiletramentos chegamos à conclusão que, num mundo globalizado, capitalista e digital, no qual estamos inseridos, estudá-los é uma possibilidade de levar aos nossos alunos uma participação ativa nos impactos discursivos presentes na atualidade.

Nesse contexto, a proposta de intervenção aqui apresentada, com o gênero textual notícia por meio dos multiletramentos, é uma tentativa de contribuir com um trabalho mais significativo para o aluno, por fazer parte do seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Notícia: relatar – Trabalhando com os gêneros do discurso.** São Paulo: FTD, 2001.

COSTA VAL, Maria das Graça. **Redação e Textualidade.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça; Travaglia, Luis Carlos. **A Coerência Textual.** 17. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O Texto e a Construção dos Sentidos.** 10. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** São Paulo: Ática, 1999.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino.** 2. ed., cap. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.19-38.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial.** 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; Moura, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. Barbosa, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 81, dez. 2002, p. 143- 160.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

GRANDO, Katlen Böhm. **O Letramento a partir de uma perspectiva teórica: origem do termo, conceituação e relações com a escolarização**.

Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3275/235>

> Acesso em: 10 de ago. 2017.

MELO, Heronita Maria Dantas de. **Práticas de Letramentos e Multiletramentos em sala de aula**.

Disponível

em:

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA5_ID10666_14082016141702.pdf> acesso em: 05 de ago. 2017.

MILITÃO, Giselda Moraes de Alencar. **Alfabetização e letramento: as práticas de leitura como recurso para a alfabetização**.

Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/giseldamamilitao.pdf

>

acesso em: 10 de ago. 2017.

SABOIA, Elisângela Dias. **Ler e escrever: práticas de letramento**.

Disponível

em:

<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/viewFile/1252/894>>

acesso em: 20 de ago. 2017.

SILVA, Vanessa Souza da. **Letramento e ensino de gêneros**.

Disponível em:

< <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-011.pdf>>. Acesso em: 10 de ago.

2017.

SILVA, Cláudia Helena Dutra da. **Letramento:** práticas sociais de leitura e escrita no ensino de línguas adicionais.

Disponível

em:

<http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/volume_revista/vol_4_num_1/Via_Litterae_4-1_2012_2-CLAUDIA_DUTRA_Letramento-praticas_ensino_ling_adicionais.pdf>

acesso em: 20 de ago. 2017.